

Caixas; nossos insumos

Boxes; our inputs

Gabriel Fampa

 0000-0003-1547-0956
gabriefampa@gmail.com

Resumo

Caixas; nossos insumos é uma crônica literária redigida em diálogo com uma experiência artística intitulada *Caixas*, que realizei e registro em 2020. O texto é uma narrativa ficcional de natureza autobiográfica e informal em que um personagem com tendências hipocondríacas relata sua vivência com as dores e preocupações que sente em relação ao próprio corpo. O corpo, então, está no foco da escrita e mostra-se incerto de sua estrutura, débil em seu funcionamento e assustado com sua vulnerabilidade. O diálogo entre texto e a obra *Caixas* ocorre no uso de palavras-chave ao longo da narrativa. Na obra fotografada, 50 líquidos foram despejados em caixas de papelão, de modo a deixar que elas absorvessem essas substâncias, desmanchando-se como consequência. Cada líquido citado despojadamente no texto é um dos que foram despejados nas caixas, entre os quais constam, por exemplo, vitamina D3 líquida, água do Atlântico, estalactite de uma garagem, cachaça, gasolina comum, óleo e analgésicos em gotas. Em meio a outras motivações, procuro no trabalho um diálogo com a própria condição de um corpo na contemporaneidade, marcado por consumo, incertezas, precariedade, fragilidade, anseio e sujeição às forças externas que o afetam, seduzem, lhe despertam desejos e o desmancham e conformam.

Palavras-chave

Corpo. Consumo. Debilidade.
Autobiografia ficcional. Escritos de artista.

Abstract

Boxes; our inputs is a literary chronicle written in dialogue with an artistic experience entitled Boxes, which I produce and record in 2020. The text is a fictional narrative with an autobiographical nature in which a character with hypochondriacal tendencies reports his experience with pain and worries he feels with his own body. The body, then, is the focus of the writing and is shown to be uncertain of its structure, weak in its functioning and frightened by its vulnerability. The dialogue between the text and the work Boxes occurs in the use of keywords throughout the narrative. In the photographed work, 50 liquids were poured into cardboard boxes in order to let them absorb these substances. Each liquid freely mentioned in the text is one of which was poured into the boxes, which include liquid vitamin D3, Atlantic water, stalactite from a garage, cachaça, gasoline, oil, painkillers in drops, among others. In the work, among other motivations, I seek a dialogue with the condition of a body in contemporary times, marked by consumption, uncertainties, precariousness, fragility, yearning and by subjection to external forces that affect, seduce, awaken desires and break and conform.

Keywords

Body. Consumption. Fragility.
Fictional autobiography. Artist's writings.



Figura 1
Gabriel Fampa, *Caixas I*,
série *Caixas*, fotografia
digital, dimensões varia-
das, 2020
Foto: Gabriel Fampa

Informo à médica que cada líquido que eu mencionasse no texto teria sido despejado em uma das caixas. Ela não entende; ignora o que falei e me diz que eu estou com algum problema no meu quadrado. O quadrado que se forma entre os dois ombros e as coxas. Já são cinco anos de dor sem causa sabida, muitos médicos e diversas receitas mais ou menos iguais: fisioterapia, RPG, vitaminas, analgésicos, relaxantes musculares. Que tenho dor no quadrado, eu sei.

A receita que recebo: dez sessões de fisioterapia no passado, no presente e no futuro – em todos os tempos verbais e também em todos os pronomes. Eu vou fazer, você vai fazer, ele vai fazer etc. Saio do consultório recusando o álcool em gel que, na entrada, acolhi nas mãos. O tempo está tempestuoso e água da chuva cai nos meus olhos. O pingo é realmente pesado e me machuca. Os óculos embaçam, e a receita médica para fisioterapia, água oxigenada e antibactericida aquoso fica molhada. Molhou, mas ainda serve. Outro pingo cai nos meus olhos. Colírio. Se a chuva fosse mais pesada talvez não houvesse vida na Terra. Aliás, hoje é sábado. Chuva de sábado, chuva de inverno. O pingo caiu milhares de quilômetros para dentro do meu olho. Meu olho é a nuvem, a tempestade, o raio, o trovão, um dinossauro. Penso brevemente na velocidade terminal do pingo. Lembro daquelas máquinas que funcionam à base de graxa líquida com engrenagens, parafusos, mil coisas, indo e voltando, fazendo barulho, decepando dedos, mãos, braços, consumindo energia, marrons de ferrugem em algum galpão lotado de vigas de ferro, ventiladores, outros sons e uma família de gatos com sangue entre os dentes caçando pombos. A energia fluindo de modo bastante violento por dentro de cabos embaixo do concreto e alimentando esses equipamentos. Energia e sonoplastia: aquela corrente medonha de som elétrico. Aquelas usinas de energia que são avistadas com raios azuis percorrendo suas lanças de metal de um lado para o outro. Esse mesmo raio raramente ocorre, mas ocorre, entre a ponta da faca e os dentes caninos durante refeições no final de ano em áreas próximas ao polo Norte da Terra. Quando digo o mesmo raio, realmente é o mesmo raio.

Chego em casa direto para o banho. Quando a água quente do chuveiro escorre pelas minhas pernas a dor nas coxas alivia, mas isso me faz perceber um incômodo ainda mais interno que desconfio ser no triângulo do intestino ou do estômago. É um mal-estar estranho que parece estar relacionado com os copos matinais de vitamina C com zinco e de vitamina D em gotas que venho tomando. Aliás, sobre o soro, decidi trocar pelo soro pediátrico. O *box* é pequeno,

mas sempre alongo os quadricípedes no chuveiro. Alongar ajuda, mas alongar demais pode repentinamente causar uma dor insuportável. Mesmo acostumado com esse procedimento, às vezes passo do limite e preciso repousar de cinco a dez dias na cama. Com as escápulas não é muito diferente. Acredito que a dor dali possa ter a ver com a recusa do corpo em rendê-las em asas ao longo do processo evolutivo. Eu vejo as minhas uma vez por ano nas tomografias. Aparentemente não há nada de errado com elas apesar da dor.

De toalha na altura do peitoral menor reparo que meu olho está vermelho e não posso deixar de pensar no fígado de uma daquelas máquinas que funcionam nos galpões mencionados. Ouvei dizer que, de tanta graxa líquida que se passa nos braços e articulações dessas coisas, o fígado fica preto com o tempo. O órgão passa a funcionar debilmente, e a máquina eventualmente morre. O sangue do equipamento é escuro e viscoso, e escorre pelos orifícios íntimos. Não é incomum que se confunda essa morte com hipotermia e se invista inutilmente na compra de anticongelante líquido de motor. Cachaça barata é um investimento melhor: dá efeito, custa pouco e, em último caso, com ela se coloca fogo no defunto. O corpo nesses casos parece já o túmulo, criando assim um paradoxo. Álcool em gel é menos eficiente, que fique anotado. Os alcoólatras da fábrica bebem até álcool de cozinha e no último gole cospem tudo misturado com saliva na barriga dos equipamentos.

Eu mesmo já retirei o apêndice e sei o que é a memória da dor, o trauma fantasma, ou como quer que se chame isso. O medo de tocar o umbigo, de reabrir uma cicatriz e descobrir o que tem dentro do corpo. Os órgãos ou uma ferramenta perdida. Ou uma metonímia. Das três principais recomendações do pós-operatório eu só cumpri duas: evitar esforço e passar diariamente aquela solução vermelha escura que parecia Merthiolate. A recomendação de evitar ficar perto de água parada, entretanto, não segui. Não fiz sentido dessa instrução e não me lembro o que o médico falou a respeito disso. De todo modo, ao lado da janela do meu quarto tem um telhado enorme e quando chove fica água ali durante dias. Por isso uso inseticida – esses de uso geral à base d'água meio azulados – semanalmente na casa inteira e quando desconfio da aparência de algum mosquito insistente passo repelente no corpo como quem passa protetor solar no verão. Isso me dá segurança de dormir à noite. E confesso também que entrei na água do mar antes do permitido, em relação ao pós-operatório, mas não acho que o

rio do Atlântico seja bem uma água parada. Nesse mergulho me senti como um relógio caindo na fossa: frágil, vulnerável, sujo, delinquente. Um relógio que, por ser velho e sem valor, o dono prefere dar a descarga a pegá-lo de volta da água do vaso sanitário. Reconheço que a ideia de dar descarga no relógio é absurda, mas não duvido que alguém já não tenha feito, de modo que os ponteiros continuaram marcando o tempo conforme ele descia pelo encanamento.

Em um daqueles galpões, uma das máquinas de fígado preto foi levada ao armazém adjacente, onde deixam os equipamentos organizados em circunferência para verificar se realmente morreram ou se apenas desmaiaram, passam mal ou se fingem de terminados. O ideal é que os funcionários não fiquem entrando e saindo dali para que as máquinas possam se beneficiar e absorver o silêncio da sala. Então uma vez por semana um operário despeja do teto, por fora do galpão, um conjunto de soluções no chão de modo a formar uma grande poça no centro do espaço. A ideia é que essa poça evapore ao longo da semana e as partículas repousem nas partes de ferro que precisam de cuidados e na fiação corrompida. Água em temperatura ambiente, cloro, glicerina e gasolina comum são despejados nessa poça. Imagino-me como um desses funcionários. Imagino-me entrando clandestinamente nessa sala, pela manhã, antes de os outros chegarem ao trabalho. Faria isso porque eu saberia de um jeito mais simples de verificar a vitalidade desses equipamentos. Existiria uma placa muito difícil de perceber na parte inferior traseira da base de metal. Normalmente quatro parafusos segurariam essa placa, mas saberia eu que haveria também versões com seis e até mesmo 18 parafusos.

Retirados os quatro parafusos de uma máquina em questão revelar-se-ia um tubo fino interior de alguns centímetros de diâmetro. O único modo de caber uma mão e enfiá-la por ali seria lambuzando-a em lubrificante de motor. Molhada e com os dedos se unindo no formato de um cone, a mão passaria por dentro do tubo. Esse processo por si só seria benéfico para o equipamento. Enfiando a mão – e depois o braço até a altura do cotovelo –, os dedos alcançariam uma repartição oculta. Ali seria mais uma espécie de campo de sensibilidades do que um motor. O motor, de fato, ficaria em outra seção. Remexendo gentilmente os dedos eu teria a sensibilidade de notar que o problema daquela máquina seria o fato de ter permanecido durante meses embaixo de uma goteira de estalactite. As gotas teriam caído diretamente em um orifício superior do trímio para dentro do

compartimento. Retirada minha mão, ela estaria coberta de estalactite, lubrificante e sangue. Eu encaixaria uma mangueira no orifício e esguicharia suco de limão lá dentro. Solução mais fácil não há. Depois de dez minutos, enfiaria o sugador no tubo para retirar o líquido. Realizaria o mesmo processo com soro fisiológico até que todas as impurezas estivessem no passado. Na espera desse processo olharia para o lado e notaria uma prensadora parcialmente desmontada e suja de urina.

Saio do banho, tomo o chá de boldo diário e vou à farmácia comprar os pedidos da receita médica. Ando desconfiado de que meu mal-estar pode estar relacionado ao meu trabalho. Tenho o hábito de andar com uma garrafa plástica com água sanitária dentro. Às vezes é útil justamente porque se apresentam oportunidades de trabalho na rua. Aproveito e compro amaciante e outros produtos para lavar as vestimentas. Minhas roupas andam fedendo e não sei muito bem a causa. Poderia tentar chutar alguns motivos, mas realmente não sei o que pode ser, pois as lavo com frequência normal. Vou procurar usar produtos de outras marcas e se isso não funcionar farei uma investigação mais minuciosa sobre meu comportamento até achar a fonte desse cheiro. É natural que eu tenha compensado com o desodorante, mas evidentemente isso não é uma solução plausível. Mesmo despejando desodorante nas próprias roupas o cheiro não atinge um patamar razoável, se transformando em uma combinação incomum de odores. Isso tudo é inviável como procedimento permanente porque o jato líquido do desodorante também não se espalha uniforme pelo tecido.

Já em casa, guardo os novos remédios ao lado do fluido aliviador de dor de garganta, antialérgico solúvel e sabonete líquido para bebês. Olhar o remédio me traz a consciência da dor, então eu tomo um analgésico. Entre o relaxante muscular e a dipirona em gotas, prefiro o segundo durante o dia e o primeiro durante a noite. Ainda é dia, e de noite estou com vontade de sair. Engana-se quem pensa que café expresso ou mesmo esses energéticos à base de cafeína são suficientes para manter acordado quem toma uma cápsula inteira de Muscular. Aliás, relaxante muscular, café e cerveja é uma combinação que conduz rapidamente à horizontalidade. À cama!

No dia em que fazia uma trilha no Morro Probatório considerei que tinha um incômodo, hoje percebo que era uma dor, mas meu terapeuta sugeriu que eu entenda como uma tensão. E nessa época o incômodo se localizava na panturrilha paliativa. Não tinha migrado ainda. Lembro de umas ilustrações infantis mostrando

como a água demora mais para entrar em ebulição em altas altitudes. Talvez fosse menos tempo. É impossível recordar esse evento do morro sem pensar na transpiração terrária do chão. E meu corpo se misturando naquilo: na terra, nos galhos, nas pedras, no óleo dos girassóis. Uma situação típica em que um alpinista alcança o topo do monte e grita muito alto sem se derrubar pelo eco de sua própria voz. Ao contrário, o eco o nutre. Sua voz se espalha como uma baixa neblina. Densa, percorrendo e ocupando o espaço entre as copas, as frutas e as raízes. Até o cheiro de sua voz impregna a traqueia das centopeias e o olfato das corujas. Já dali ele vislumbra uma montanha mais alta e a avisa de que será a próxima a ser escalada. As rochas riem dele, é claro. Mas esse dia, o do Morro Probatório, apesar de não ser ensurdecido pelo grito ou pelo silêncio, é marcado por sons abafados, murmúrios, barulhos de movimentos nervosos, risos de nervoso. Fiquei deitado no chão nesse dia, esperando o incômodo aliviar. Não chego a aliviar. Pensando bem, acho que terrário significa outra coisa, acho que são aqueles aquários com terra e sem água em que podem viver aranhas, escorpiões e outros bichos. Talvez eu estivesse pensando no ferrão do escorpião ou da abelha quando falei em transpiração terrária. No ferrão tentando penetrar uma pedra. E conseguindo. Matando a pedra.

Minha urina sai esverdeada por causa dos remédios. A dor do quadrado alivia com o analgésico. E nenhum dos medicamentos tem me dado alergia. Às vezes acho que a dor não fica entre os ombros e as coxas como costume informar aos médicos, mas entre as escápulas e esses tendões que passam atrás dos joelhos. Não é dor ciática, como já tentaram me convencer mais de uma vez. Faço uma sessão de gelo e água quente nos ombros. Isso ajuda também a diminuir os espasmos, apesar de que eles não me incomodam quando ocorrem. São bem sutis. Assisto a um filme na televisão. O gelo derrete e escorre pela minha barriga. O meio do filme que está sendo exibido mostra um homem regando plantas. Ele rega com adição de uma solução de fertilizante para flores. Realmente, tem muitas flores no jardim dele. Quando acaba a rega, bebe o resto do fertilizante e morre. A partir daí a polícia vai à casa dele investigar o que ocorreu, mas eu termino meu procedimento e desligo a televisão, que precisa ser limpa. O ventilador também precisa, está com um quilo de poeira nas hélices. Eu costume usar higienizador profundo para limpar tudo na casa, sem distinção. E assim o faço novamente. Acabo por fazer faxina na metade direita do apartamento. Não

fico com vontade de beber o higienizador. Mas tenho sim vontade de entender melhor o que é o limpa-vidros porque o cheiro dele é muito sedutor. Aliás, esqueci de mencionar que as janelas eu limpo com limpa-vidros. Essa vontade de entender o limpa-vidros, porém, é mais um desses desejos imaginativos. Coisas que só se passam na cabeça e morrem na testa. Ou na borda das orelhas. Ou até nos brincos das orelhas. Realmente, os brincos devem ficar muito afetados por permanecer tanto tempo perto da imaginatividade. Mesmo que se queria argumentar que a imaginação não fica exatamente na cabeça, não se pode negar que parece que o pensamento vem lá de dentro do cérebro. Enfim, seria estúpido beber limpa-vidros por qualquer motivo que fosse, mesmo o suicídio. Eu suor em gotas com a faxina e passo um pano no rosto. Meu suor é estranho, e eu quase nunca o vejo.

Uma exaustão peculiar me toma. Deito na cama, ou melhor, desmorono. Afundo, mas a mola do colchão me convoca de volta para cima. O cansaço é tão brutal, que meu corpo persiste em cair, mas para dentro de si. Meu âmagô é o abismo. Já li em mais de uma ocasião que devemos abraçar o salto no vazio como quem pula na água com cloro de uma piscina à noite. Como quem se joga do telhado de sua casa de peito aberto em direção ao asfalto. Como quem se arremessa sem paraquedas, sem asa-delta. Como quem enfia a mão na lama rala com respiração curta. Até onde entendo, a ideia seria abraçar esse salto como quem endossa uma aventura em direção ao desconhecido. E o desconhecido seria esse difícil lugar de elaboração e reelaboração. Mas não me sinto saltando, e sim caindo. Não me sinto elaborando, mas encontrando colo. Meu corpo é também o amparo. E se há um insabido, ele está no peito da descida. É estranha essa sensação de quando estou prestes a dormir e de repente recobro a consciência. De tão cansado da faxina, descansar dói. É uma espécie de aflição muscular esse relaxamento. Aliás, a única região em que sinto cosquinha é na base das coxas. E tem um ponto nas minhas costas que, apesar de não gerar cócegas, quando alguém põe o dedo nele, me dá agonia.

Durmo e acordo. Sou um mineral que está aprendendo a se mexer. Pela primeira vez, o sistema nervoso se faz pulsante ainda que debilmente. Descubro minhas pernas, meus braços. Noto o movimento. Contorço o tronco. Estranho, eu achava que eu era grafite. Noto que a cabeça pode virar. Aliás, eu tenho cabeça. Isso tudo deve durar uns 15 minutos. Uma grande transa de contradesejo e desejo.

Meus olhos se abrem e encaro o teto com os globos ainda em fase de experimentação. Os recém-nascidos têm muita energia. O travesseiro está babado. Não me lembro se guardei o molho shoyu. Descubro os limites da cama, as bordas do universo, as paredes da minha caixa. Acho que ela está vazada, que a jaula tem o teto aberto, que o universo está furado, e do orifício vaza leite. Leite animal, mas dos próprios astros, ou das constelações, ou de tudo. O universo está prenhe e sou eu que ele está parindo. Eu coloco minha boca em sua teta e fecho os olhos. Mamão e aos poucos recupero um pouco de energia, um pouco de desejo. Agora tenho atividade suficiente para desconfiar de que não fui eu quem nasceu e estou bebendo o leite de uma mãe que não é minha. Ficar deitado se torna insuportável; repentinamente minhas costas se tornam um incômodo como se fossem um pano qualquer amassado. Uma pano com sistema nervoso rudimentar.

Sento na cama e estou amassado, mas sem dor. De todo modo, passo óleo de massagem para bebês nos ombros e aperto com força. Lambuzo também a cabeça do joelho e as fossas do menisco. Eu prefiro leite de soja a leite animal. Aperto cada músculo das pernas com os dedos escorregadios. O prazer é imenso. Quando começo, sinto que poderia ficar horas nesse processo, mas em pouco tempo o músculo enjoa. Reflito sobre a auto-hemoterapia. Prática estranha. Injetar sangue próprio dentro do músculo. Até onde sei vários lugares a fazem clandestinamente.

A técnica de que gosto mais é a quiropraxia. Não acho que minha tensão seja exatamente fruto de alguma questão nas articulações, mas o alívio de liberar o gás entre os ossos é considerável. O relaxamento conduz a uma melhora do estado da mente. Não me dou bem com acupuntura, entretanto. Não consigo me entregar ao procedimento e não confio em quem insere as agulhas. Talvez seja menos uma falta de confiança e mais a percepção de que é impossível para qualquer um saber onde ficam as minhas particularidades nervosas. Ou seja: facilmente uma agulha poderia penetrar um nervo e causar algum tipo de estrago. Um choque sem volta. Uma implosão. Uma paralisia. Um zumbido no ouvido. Além do mais, eu desconfio de que a parte nervosa do meu sistema é levemente sobressaltada. Já uma massagem é espetacular, o que entra em contradição com a tomografia, que afirma categoricamente que no âmbito muscular meu corpo não apresenta nenhuma deficiência. Os exames de sangue também voltam quase sempre perfeitos. Já me ocorreu de precisar tomar remédio para vermes por prevenção

em uma ocasião em que os glóbulos brancos constaram em maior cota do que o normal. Esse remédio se chama Anita. Ou Anitta. Pesquisando, vi que esse caso dos glóbulos poderia ser indicativo de câncer se outros dados do exame também se revelassem alterados, mas não foi o caso. As vitaminas eu tomo apesar do laudo sanguíneo quase ideal. Eu as consumo diariamente por causa da facilidade muito grande com que fico gripado. Diria que a friagem me pega semana sim, semana não. Também fico cansado com uma rapidez que julgo incomum. Tudo isso está evidentemente conectado ao sistema imunológico, que sempre pode ser reforçado. Ou talvez esteja ligado ao coração.

Finalmente levanto da cama. Caminho e observo a metade limpa do apartamento. Que lugar estranho. Presto atenção se a exaustão que estou sentindo não é sinal do limiar de uma gripe. Concluo que não é. Mas, no fundo sei que pode ser que seja. Não me farto de reparar que todos os azulejos do chão são iguais. Eles têm as mesmas incisões que procuram forjar um aspecto natural ao piso. Sinto falta do chão de taco da casa dos meus parentes do Mato Grosso do Centro. Apesar de que, se o piso de taco molha, a madeira absorve o líquido. É um caso muito poético, mas já aconteceu de um parente meu chorar com o rosto sobre o chão, e suas lágrimas ficarem impressas no piso. Era uma marca muito sutil, mas, ainda assim, era possível identificar seu choro no chão. Acho que, como ele babou muito, as lágrimas e a saliva formaram uma mistura que demorou mais a evaporar por conta da viscosidade. Ele era criança, eu também. Como no Centro não há orla, esse dia ele chorou depois de se dar conta disso, de que queria ir à praia e entrar no mar, mas que não poderia de modo assim tão simples e instantâneo. Eu acho que ele derrubou refrigerante velho também de birra. Depois de um tempo a marca sumiu.

Já nessa época eu tinha medo de olhar para cima. Existiam dois receios. Um é óbvio, e o outro mais particular. O primeiro era o pavor de cair para cima. O segundo era um horror de dobrar a coluna cervical de modo não natural ao pescoço. Hoje, cair para cima só me assusta se eu estiver deitado no solo olhando diretamente para o céu sem que nada esteja obstruindo minha visão. Eu tenho menos medo de cair para baixo: não tenho fobia de altura. Mas tenho apreensão de mergulhar no mar. E do tubarão da piscina. E de voar de avião. Mas de aeronave todos têm medo. No oceano, não dá para ver da cintura para baixo. A água é escura, densa, salgada, bizarra, suja. Qualquer animal a qualquer

momento pode se enrolar na perna. Uma água-viva, um polvo, um peixe morto etc. A pele desses bichos é viscosa e repugnante. O medo de cair para cima e o do mar se conectam de forma inusitada. O espaço sideral também me impressiona e aterroriza, mas não é frequente eu ser confrontado com esse medo. Hoje não me apavora mais dobrar o pescoço em nenhuma posição, a não ser que se manifeste algum tipo de dor ou incômodo. A dor vai estabelecendo limites e ensina a trabalhar bem dentro das possibilidades.

E em relação ao mar, sinto que me ajuda pensar em um tubarão que já não fareja mais sangue, que não se sabe se alguma vez já dormiu ou se está desde sempre dormindo. De olhos abertos, em movimento, criando tensão por onde passa, sendo ele próprio a tensão, o motivo da dispersão, da reorganização de uma harmonia que também não se sabe se alguma vez já existiu na água fria, sem correnteza, sem cor, de horizontes turvos, de fumaça bege em inércia e sem vontade própria. Um velho sendo levado pelas pressões inaceitáveis, inviáveis. Ao lado das corujas do mar que voam tendo batido asas uma vez ao nascer e esperando pousar para dar o último suspiro. Desses peixes que enchem os pulmões e em um sopro demorado tocam toda superfície com sua presença gentil, com ternura, mas também com avisos de uma autoridade invisível, pois no oceano aqui não se vê com os olhos e não se sente com as mãos. Um cheiro de vinagre se espalha pelas águas, e esses seres e esse tubarão vão todos embora, deixando-me sozinho.

Sete horas é hora de me arrumar. Cuspo saliva no balde com a água do canal Marapendi. Entro novamente no *box* e saio. Jatinho de Dolce Gabbana no pescoço. Hidratante nos seios da face. O enxaguante bucal vai para a boca mesmo. Desmaquilante e removedor somente na volta. Desmoldante eu não sei para que serve. O lubrificante erótico eu joguei fora por falta de uso. Acetona pura eu carrego nas calças, porque nunca se sabe quando uma oportunidade de trabalho vai surgir. Pego minha identidade e coloco na carteira; meu nome ainda está escrito corretamente: Fampa, com f e não s. Antes de sair noto o armário corroído e lembro que esqueci de comprar inseticida a jato para cupim. Talvez o geral sirva. Meu olho ainda está vermelho e coçando e descubro um cílio escondido embaixo da pálpebra. Deixo separados o relaxante muscular, o Velija e as soluções para alívio de má digestão, ressaca e tosse seca. Nunca se sabe como se vai chegar em casa, apesar de que quase sempre chego em condições normais.



Figura 2
Gabriel Fampa, *Caixas IV*,
série *Caixas*, fotografia
digital, dimensões variadas,
2020 Foto: Gabriel Fampa

Gabriel Fampa é artista e pesquisador. Doutorando em artes visuais na Uerj,
é mestre pelo PPGAV-UFRJ e graduado em Ciências Sociais pelo IFCS-UFRJ.

Artigo submetido em abril de 2022 e aprovado em junho de 2022.

Como citar:

FAMPA, Gabriel. *Caixas; nossos insumos*. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28 n. 43, p. 169-180, jan.-jun. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n43.9>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>